



PERSPECTIVA QUALI-QUANTI NO MÉTODO DE UMA PESQUISA

Autor: Marcelo Pereira Souza¹

GT10 – Práticas Investigativas na Educação Superior

RESUMO

Este artigo propõe-se a desenvolver conteúdos sobre os métodos tidos como qualitativos e quantitativos, analisando o pensamento metodológico e a teoria aplicada. Tendo em vista o debate acerca da interpretação metodológica e seu simbolismo contemporâneo, as explicações analíticas aqui demonstradas servirão para a vigilância classificatória que busca distinguir o qualitativo do quantitativo em um método de uma pesquisa, corroborando com o pensamento do quali-quantum presentes enquanto combinação no método de pesquisa. A pesquisa bibliográfica aqui inserida possibilitou o levantamento aos referenciais teóricos publicados em livros e artigos científicos, como também, possibilitou estudar o que já se conhece sobre o assunto. Nesse cenário histórico, explicar a importância dos métodos na pesquisa social perpassa pela fase experimental das ciências naturais, uma construção de instrumentos medidores e comparativos da vida social enquanto objeto de estudo.

Palavras-chave: Articulação Metodológica. Metodologias Quali-Quantum. Teorização.

ABSTRACT

This article proposes to develop contents on the methods considered as qualitative and quantitative, analyzing the methodological thought and the applied theory. In view of the debate about methodological interpretation and its contemporary symbolism, the analytical explanations presented here will serve for classification surveillance that seeks to distinguish qualitative from quantitative in a method of a research, corroborating with the quali-quantum thinking present as a combination in the research method. The bibliographic research inserted here allowed the survey to the theoretical references published in books and scientific articles, as well as, it made possible to study what is already known about the subject. In this historical scenario, explaining the importance of methods in social research runs through the experimental phase of the natural sciences, a construction of measuring and comparative instruments of social life as object of study.

Keywords: Methodological Articulation. Quali-Quantum Methodologies. Theorization.

¹ Mestrando em Sociologia (PPGS/UFS), graduado em Administração de Empresas (Estácio/FaSe). Pós-Graduado em Administração Estratégica pela Faculdade Estácio de Sergipe. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Processos Identitários e Poder (GEPPIP/UFS). E-mail: marcelo_souzaadm@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

Cada sociedade existente ou que já existiu tinha por base o que lhe dá ou davam suas características próprias, seus pressupostos comuns, compartilhados a toda sua população, ou a parcela significativa dela, na forma de um conjunto de premissas básicas que dão identidade a uma forma de ser do mundo. Outrora, era comum o desenvolvimento da própria teorização sobre o método de pesquisa empregado entre os sociólogos Durkheim, Marx e Weber e de tantos outros até a década de trinta. O rompimento com a metodologia proletisante possibilitou o entendimento de que não existe a imposição, mas a adaptação do método qualitativo e quantitativo ao objeto de pesquisa são os próprios paradigmas da metodologia convencional estabelecendo um elo entre as leis universais e a especificidade dos casos, reformulando-os, criticando-os e aperfeiçoando-os.

Distinguir o fato da teoria consiste na compreensão da não distinção entre natureza e pensamento, da epistemologia ou ontologia, mas da reflexão analítica dado a observação costurada pelas teorias das quais tem-se mais certeza. Se a ação humana não resulta de impulsos programados, a monitoração entre suas relações e o meio em que vive passa a ser conduzida pela consciência prática, a formulação de uma presença e ausência que move o tempo-espaço, na associação entre contexto e ação e na diferenciação dos contextos entre si. Conteúdos significativo são engendrados de ação prática das práticas sociais (GIDDENS, 1999).

Romper com as aparências imediatistas ou partidarismos significa não alimentar a ilusão das falsas evidências com as ideias preconcebidas, visto que a construção de um idealismo se torna suscetível a propostas explicativas de um produto racional, um objeto que pode ser estudado a luz de uma construção teórica. Diante da discussão epistemológica, embora teoria e metodologia não sejam a mesma coisa, os termos se tornam inseparáveis, a primeira apresenta-se como conteúdo, enquanto que a segunda influi na escolha teórica, não obstante, os procedimentos não se confundem com a metodologia, visto que se apresentam como procedimentos, isto é, métodos e técnicas. A combinação adequada entre tais elementos proporciona um esforço de cunho resolutivo e representativo de uma realidade. O método científico torna-se percebido quando há etapas ou passos, porém não é o pensamento em forma de marcha que influencia na verdade do conhecimento, mas a prática da ciência ou da pesquisa através da conformidade de algumas regras.



Embora o sociólogo comece sua pesquisa intuindo que a teoria corresponde aos seus dados, torna-se um equívoco imaginar que as teorias seriam casualmente testadas, pois sua avaliação, em termos de procedimentos genéricos, denomina-se método científico. Assim, à medida que a sociologia usa teorias para explicar o mundo social, ao mesmo tempo, essas teorias são identificadas como fatos reais, que se reportam ao desenvolvimento de testes, ampliando o saber sobre o mundo social que nos cerca. Os pressupostos para se trabalhar cientificamente são muitos, a indução, por exemplo, permitiu e permite conhecer muitas coisas, partindo-se do particular para conhecer o geral ao incorporar a experiência e a observação; em contrapartida, o método dedutivo se valida da lógica e do raciocínio matemático.

Este artigo propõe-se a desenvolver conteúdos sobre os métodos tidos como qualitativos e quantitativos, analisando o pensamento metodológico e a teoria aplicada. Tendo em vista o debate acerca da interpretação metodológica e seu simbolismo contemporâneo, as explicações analíticas aqui demonstradas servirão para a vigilância classificatória que busca distinguir o qualitativo do quantitativo em um método de uma pesquisa, corroborando com o pensamento do quali-quantum presentes enquanto combinação no método de pesquisa. Num primeiro momento, serão apresentados alguns pressupostos teóricos que marcam a história dos métodos de pesquisa nas ciências sociais. Num segundo momento, uma breve articulação sobre a proposta quali-quantum no uso da aplicação metodológica e, num terceiro momento, a explanação dos elementos qualitativos e quantitativos existente em um mesmo método de pesquisa a partir do modelo estatístico.

A pesquisa bibliográfica aqui inserida possibilitou o levantamento aos referenciais teóricos publicados em livros e artigos científicos, como também, possibilitou estudar o que já se conhece sobre o assunto, contribuindo para responder o problema de pesquisa proposto. Nesse cenário histórico, explicar a importância dos métodos na pesquisa social perpassa pela fase experimental das ciências naturais, uma construção de instrumentos medidores e comparativos da vida social enquanto objeto de estudo.

A consciência histórica impõe um mergulho cultural na temporalidade da cultura que dominou a história, os “pensamentos marginais” enquanto subprodutos da vida diária, trechos de conversas ouvida na rua ou ainda sonhos, quando anotados, auxiliam em um raciocínio mais sistematizado para a relevância intelectual dos pensadores, traduzindo o cuidado na interpretação dos fatos ligados ao desenvolvimento, organização, experiência humana, a razão e a valorização pelas menores experiências (Mills, 1992).



PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DA PESQUISA SOCIAL

A estrutura social é fornecedora de regras e recursos que circundam a ação, reproduzindo propriedades estruturantes das instituições sociais como uma “dualidade de estrutura”. No contexto histórico, as diversas origens e diversidades propostas pela sociologia desembocam uma variedade de questões metodológicas. Com a obra das leis evolutivas das sociedades humanas, Augusto Comte se transporta da “física social” para ser titulado como precursor da “sociologia”, uma contribuição a partir do *Essai de physiquessociale* de Adolfo Quételet que reunira um grande número de dados estatísticos, tidos hoje como demográficos. Em Durkheim, a inspiração dos trabalhos realizados por Comte e de Quételet, resultam na grande lei evolutiva proposta em sua tese de doutoramento sobre a *La Division dutravail social*, em *Le suicide* Durkheim propõe relações intemporais entre variáveis analisadas minuciosamente pelos dados estatísticos que a estatística criminal de Quételet oportunizara. Émile Durkheim ao se posicionar sobre a unidade das ciências, toma os fatos sociais como coisas, tanto o fenômeno social, quanto o fenômeno físico ganham vida independente da consciência humana, uma verificação que pode ser realizada através dos sentidos e da observação. Para Durkheim um fato social explicaria o outro, o que tornaria a ciência social neutra e objetiva, separando o sujeito do objeto (DURKHEIM, 1987).

O idealismo de Kant provocou críticas aos estudos da realidade social na segunda metade do século XIX. Pensadores da época defendiam a não aderência ao modelo positivista aplicado às ciências sociais, pois ao se estudar a realidade da ciência social através de métodos de outras ciências, a essência da própria realidade poderia ser destruída, uma vez que não considerava a liberdade e a individualidade do indivíduo. Na distinção entre “natureza” e “cultura”, a sociologia compreensiva de Marx Weber adota procedimentos metodológicos contrários daqueles utilizados nas ciências físicas e matemáticas. As emoções, valores e a subjetividade propostos pela sociologia compreensiva, traduzindo diferenças nos objetivos e nos métodos de pesquisa.

No interacionismo simbólico de Mead, as atividades interativas entre os indivíduos são produtoras das significações sociais, o pesquisador para ter acesso ao fenômeno teria que participar do mundo que se pretendia estudar, pois a percepção dos indivíduos sobre o mundo social constituiria o objeto da pesquisa social, isto é, as manifestações subjetivas. Ver o mundo através dos olhos do pesquisado consiste em desenvolver métodos de pesquisa que priorize o ponto de vista dos indivíduos. A Escola de Chicago pode ser vista como um celeiro da produção de estudos que abordaram problemas



que tratavam da imigração, delinquência, criminalidade, desemprego, pobreza e minorias sociais (GOLDENBERG, 2004).

Na divisão entre teóricos e metodólogos, isto é, classificação entre professores e investigadores, constitui-se uma oposição epistemológica em um dado momento histórico, do tradicional aplicado ao proibido proibir, surge o desencantamento do rigor disciplinar para a flexibilização dos livramentos metodológicos e da vigilância epistemológica dos métodos. A combinação entre a teoria, o método e a técnica de pesquisa promove um simbolismo analítico quanto a recriação e a constituição do mundo segundo a visão sociológica, uma percepção construída a partir da utilização de novos “estímulos” como as absimsas de lógica, afinal não existe uma pesquisa social sem teoria, seja explícita ou implícita, a teoria estará presente em todo o processo de pesquisa, seja para resolver problemas específicos, gerar teorias ou avaliar as teorias já existentes (RICHARDSON, 2008, p. 16).

Associar os métodos tornou-se uma forma de encontrar respostas a questões muito circunscritas, todavia, classificar um método como descritivo ou empírico não o faz apresentar maior precisão, a exemplo da observação participante, procura-se a captação de informações pelo aspecto da objetividade que a dinâmica relacional e observacional pode revelar, no entanto deve-se observar a subjetividade de tudo aquilo que possa ser constituído em informação, por exemplo, as monografias de comunidade, como as de Hollingshead, ou de Warner, associam o método etnológico aos procedimentos da pesquisa de sondagem (BOUDON, 1989, p. 11).

A sobreposição de um método ao outro, simbolizou durante muito tempo a busca pela não legitimidade de um método ao outro, quando da escolha pelo método quantitativo, a crítica se dava as metodologias qualitativas pela dificuldade de isolamento e análise dos fenômenos sociais experimentados em laboratório. Em contrapartida, o “objeto” das investigações seriam as pessoas, o estudo seria na relação sujeito-sujeito dado a construção do mundo social a partir dessa relação, uma vez que o sociólogo interpreta a interpretação do que os sujeitos produzem, isto é, a “dupla hermenêutica” (GIDDENS, 1978).



ARTICULAÇÃO QUALI-QUANTI

As variações da Teoria Social sistematizam a representatividade das preocupações fundamentais do pensamento teórico e do exame das diversas posições sobre os processos metodológicos adotados e a temática a ser seguida na fermentação intelectual. As tentativas de sobreposições científicas e humanistas no tocante a postura do sociólogo quase sempre promove a fusão sistemática da teoria sociológica com a própria história, visto que o acúmulo do conhecimento empírico se torna impossível na medida em que as realizações do sociólogo estarão ultrapassadas em dez, quinze ou vinte anos, além de que toda contribuição científica exige ser ultrapassada ou superada (Merton, 1947, apud. GIDDENS, 1999).

Na história dos métodos, a técnica individualista é apontada pela vinculação do pesquisador às regras convencionais aplicadas e da manifestação do metodólogo analítico que através da sua curiosidade intelectual conseguiu estabelecer uma conexão a nível de aprendizado durante as etapas do processo de pesquisa. Eis a compreensão de que um método pode não ser suficiente para ajudar na produção de resultados, por exemplo

a insatisfação da "escola de Colúmbia" com o uso convencional de testes de significância estatística provocou uma reavaliação profunda dos objetivos que estes testes supostamente deveriam estar atingindo e de como estes mesmos objetivos poderiam ser mais bem atingidos. Em seguida a estas discussões, os sociólogos desenvolveram vários testes novos e potencialmente mais úteis, especificamente concebidos para lidar com os dados disponíveis para pesquisa sociológica. Ao invés de usar testes desenvolvidos para dados com características bastante diferentes - porque não havia nada melhor disponível e supunha-se que algum teste deveria ser usado -, os sociólogos possuem agora uma ampla variedade de testes e medidas logicamente defensáveis. Este avanço se concretizou porque os analistas penetraram muito profundamente na questão central - qual seja, o que um teste supostamente deve fazer - para, aí sim, desenhá-los de modo a que tivessem maior probabilidade de atingir estes objetivos (BECKER, 1993, 24-25).

Lutar pela quebra de paradigmas ao longo da história social tem demonstrado a necessidade de novas visões nos mesmos horizontes. Os reflexos estruturais da composição histórica projetam o entendimento da "natureza humana" ao buscar compreender como a sociedade se tornara o que ela é, não obstante, como passa a ser construída a história de uma determinada sociedade (MILLS, 1982).

A aliança entre os métodos qualitativos e quantitativos permite o uso mais compreensivo das pesquisas do que o uso unicamente qualitativo ou quantitativo. A articulação entre os métodos busca corroborar com um resultado de um método com os resultados do outro, utilizar os resultados de um método para auxiliar na interpretação do outro método, descobrir o paradoxo que leva a reconsiderar a questão da pesquisa, além da amplitude no alcance da pesquisa, confrontando seus elementos com um outro método. Não obstante, urge a pesquisa sob medida,



criando o pesquisador sua própria pesquisa quando não dispuser de uma boa base de dados (DIETRICH; LOISON; ROUPNEL apud PAUGAM, 2015).

A imaginação sociológica permite que o problema seja visto tanto como uma questão individual quanto como uma preocupação social. Ao relacionar a biografia com a realidade histórico-social, segundo Mills, o sentido social do indivíduo é manifestado e projetado para além do comum, imaginar sociologicamente é ir além do limite do comportamento humano, uma forma nova de se ver o mundo através de uma lente de longo alcance. Para Mills “os pensadores mais admiráveis da comunidade intelectual não separam seu trabalho de suas vias”. Sobre métodos de pesquisa, Mills (1982, p. 133) nos esclarece que

dominar o método e a teoria é tornar-se um pensador consciente de si, um homem que trabalha e tem consciência das suposições e implicações do que pretende fazer. Ser dominado pelo método é simplesmente ser impedido de trabalhar, de tentar, ou seja, de descobrir alguma coisa que esteja acontecendo no mundo.

Na liberdade extrema pregada por Boudieu quanto ao uso das técnicas e seu alinhamento, transparece a crítica aos países tidos como do “rigor metodológico” que mais se comportam movidos pelo lema: “é proibido proibir”. Segundo sua linha de raciocínio, rigidez é vetor contrário à inteligência e a invenção, sendo sua abordagem *La Distinction* pautada na viabilidade entre o cruzamento quali-quantitativo. A pesquisa requer uma percepção participante e artesanal do pesquisador, para a partir daí se construir o objeto e definir a melhor forma de coleta (BOURDIEU, 1998).

Controvérsias a parte, entre métodos e metodologias, talvez, a proposta a ser analisada seria a de ampliar horizontes com base na concepção de cada pesquisador e, a partir daí, esclarecer quais métodos podem ser aplicados, identificando a extração das melhores adequações que a imaginação sociológica possa permitir. Dessa forma, solucionar o até então solucionável é fazer um “estruturamento” empírico, mergulhar na imaginação sociológica para ajudar no trato de novas indagações, cruzar, quando vantajoso, métodos que produzam um ideário intelectual. A imposição de uma técnica seria uma espécie de alienação de alguém dito superior, quando a pessoa dita como inferior encontra-se na fase de enriquecimento intelectual que futuramente estará atuante na mesma intensidade desse dito “superior”. (BECKER, 1993).



O RACIOCÍNIO QUALITATIVO NO MÉTODO ESTATÍSTICO

Os pesquisadores sociais não coletam e interpretam dados do zero, as formas, os métodos e as ideias que algum grupo social possui são elementos que estão à sua disposição como universo de pesquisa (BECKER, 2009). O dado pode ser visto como uma construção, um princípio que se torna um vetor contrário do viés, principalmente quando analisamos as pesquisas de cunho quantitativo, pois as chances de se definir unidades de observações inadequadas e a possibilidade de apresentar respostas não representativas em virtude do estímulo inadequado requer a mensuração através da margem de erro.

Para a maiorias estatísticos, a interpretação sociológica se daria como uma operação extrínseca, um exercício intuitivo, com normas mais frouxas, permanecendo distintas das normas da linguagem que se constatam o empirismo controlado. Ao contrário, a epistemologia postula que conceitualizações feitas a partir da observação do mundo histórico, enquanto abstrações científicas, sugeri uma pertinência empírica comum. As interpretações conceituais estão inerentes a descrição histórica, a todo raciocínio sociológico, se não permanecer despercebido, dar-se regras e restrições ao se explicitar.

Os enunciados tidos do mundo histórico não se deixam funcionar como linguagem puramente formal, sua própria definição impede que se formule a construção da informação histórica. Uma tabela estatística nada diz sozinha quando se faz que ela fale algo sobre o mundo, esse mundo estatístico está na interpretação que o sociólogo faz da tabela. A distinção entre raciocínio estatístico e raciocínio sociológico se daria pela composição dos respectivos enunciados, porém, o sentido descritivo dos enunciados que associa, refere-se ao mesmo mundo empírico (PASSERON, 1995).

É impossível ser um bom “quantitativista” sem um conhecimento qualitativo para o domínio do elemento estudado, os dois métodos se nutrem um ao outro coexistindo a idas e vindas múltiplas. Ao criar base de dados de fatos sociais, a postura quantitativa do método estatístico explora essa base com o tratamento estatístico, e assim, dar vistas a interpretação sociológica. Em cada etapa, o pesquisador impõe seu pensamento, sua cultura científica e seus conhecimentos qualitativos (SELZ, apud PAUGAM, 2015).

Analisar estatisticamente a problemática sociológica não se reduz a demonstração linear, a questão não se imprime como solúvel, a questão hipotética produz um formalismo de cálculos, de combinação e de uma sistemática de linguagem à problemática geral. Do ponto de vista hermenêutico, propõe-se uma transformação na perspectiva dialógica, corroborando-a



com a ideologia de Ricoeur ao afirmar que os textos só se revelam para o seu interlocutor mediante o contexto histórico do interlocutor para além da totalidade proposta na contingência do autor (GADAMER, 1975, apud GIDDENS, 1999).

Seria, então, o raciocínio sociológico um controle argumentativo que acumula a descontinuidade do raciocínio experimental durante a interpretação histórica. A explicação para esse raciocínio se nutre no caso das variáveis “ambíguas”,

sabe-se, por todos os tipos de observações empíricas, que uma variável como a idade pode assumir pelo menos dois sentidos: ela pode registrar o “efeito de envelhecimento” ou o “efeito de geração”. É evidente que esta distinção não é diretamente codificável na linguagem das variáveis; contudo, ela se impõe, a partir do momento em que se tenta interpretar uma tabela de dupla entrada segundo a idade a fim de formular a variação sociológica que a ligação estratégica revela, ou seja, desde que decidimos enunciar em língua natural, o que diz estatisticamente uma tabela desse tipo (PASSERON, 1995, p. 130).

A separação entre estudos qualitativos e quantitativos deve ser rejeitada pela pesquisa moderna, independente da precisão das medidas adotadas, o que é medido sempre continuará sendo qualitativo (GOOD; HATT, 1973). Os fatos disciplinam a razão; mas a razão é a guarda avançada de qualquer campo de conhecimento (MILLS, 1982, 221). O discurso escrito só é possível a partir da disponibilidade de recursos simbólicos transcendentais do situacional e intencional imediatos, o que o texto diz pode importar muito mais do que o pensado pelo autor (RICOEUR, apud GIDDENS, 1999). É somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como evidência (BOURDIEU, 1989, p. 24).

Uma variável pode se categorizar de múltiplas formas, essas formas podem ser endossadas por representações sociais, convenções próprias, organismos nacionais, quiçá auxiliar na construção de novas variáveis. Não obstante, um estudo sobre o casamento necessitaria de um conjunto de indicadores como a porcentagem de pessoas casadas no país, a duração dos casamentos, a idade da formalização da união do casal e a idade do nascimento do primeiro filho, observar-se-á que a evolução do estudo com base nesses indicadores, dependerá de uma análise qualitativa de caráter evolutivo na linha do tempo e na sucessão dos acontecimentos. Só é possível tratar perspicazmente a estatística quando consideradas as formas a partir das quais os dados foram construídos, incluindo as condições de sua coleta e o modo de pesquisa (SELZ, apud PAUGAM, 2015, p. 207).

Para o autor Becker (2009) os projetos fotográficos documentais e as tabelas estatísticas teriam em comum o que os modelos matemáticos teriam com a ficção de vanguarda. A exemplo de Hans Haacke, através da experimentação entre formas e linguagens,



produz uma representação da sociedade através da mistura entre métodos e gêneros, através do seu método, tem-se análises de fenômenos sociais que não esperamos e sob formas que não se reconhece nem como arte, nem como ciência. Em vez de tentar sustentar determinados fatos por evidências para torná-los aceitáveis, os fatos estão baseados numa teoria, aceitos porque foram colhidos de uma maneira, de uma teoria aceitável que servirão para produtores e usuários. O que encontramos no censo sobre raça, gênero e renda, não falam por si mesmo, alguém fala por eles e interpreta o seu significado.

O caráter questionável do método puramente quantitativo nos revela um teor de flexibilidade, pois quando da aplicação da pedagogia do silêncio, o método quantitativo se revela promissor. O que possa ficar vago para o método em tela, é o teor crítico do pesquisador social, pois na ausência do aprofundamento empírico, surgem dificuldades para a interpretação de possíveis dados, ou mesmo a sensibilidade de localizar na órbita de um problema, outros elementos de estudo. Tão logo, poder-se-ia pensar relacionalmente, através dos métodos de pesquisa, em termos de realidade, dar vistas claramente a indivíduos, grupos, bem como trilhar uma imaginação estrutural entre as diferenciações sociais, seus antagonismos, classificações e a realidade que se torna notada.

Da união do extremo subjetivismo ao extremo objetivismo, o mundo da racionalidade se revelou proporcional às experiências nas quais se revela, se as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam, tão logo aparece um sentido. A região que rodeia o nosso campo visual não é fácil de descrever, mas é certo que ela não se apresenta nem como negra, nem como cinza. Sempre existe uma visão de não sei o quê, ultrapassar o liame daquilo que está arás de nós nos transporta para outra presença visual, sem iguais e desiguais (MERLEAU-PONTY, 1999). Utilizados de maneira complementar, os métodos qualitativos e quantitativos, se nutrem mutuamente, aportando a mais-valia científica, respondendo melhor a questionamentos científicos (DIETRICH; LOISON; ROUPNEL apud PAUGM, 2015).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade do mundo social é constituída pela realidade, pouco a pouco construída, entre e nos espaços sociais, oferecidas em forma de relações objetivas e abstratas, não podendo tocá-las e nem as apontar a dedo. O rompimento com uma postura sistemática na passividade empirista ratifica as pré-construções do senso comum, deixando de lado o pensamento das grandes questões teóricas para abordar um caso empírico e construir um modelo que não necessite do revestimento matemático ou rigoroso, mas de ligar os pontos pertinentes ao funcionamento da pesquisa e suas questões.

Para que as rupturas sociais sejam concretizadas, faz-se necessário romper com os enraizamentos epistemológicos das crenças e dos fundamentos de um corpo social sentimentalizado. É o sacrifício do modo de pensar que induz o pesquisador a vivenciar novas imaginações com a inserção de um novo método em sua pesquisa, as dificuldades e ameaças encontradas em seu percurso são ultrapassados pela motricidade da combinação metodológica que alinha a “coisa” ao “cérebro”, as aparências, assim, tornam-se mais evidentes, tem-se novos olhares iniciáticos, uma conversão do e no entorno social.

Desvendar a realidade sociológica, para o cientista social, consiste em promover evidências para além de se mesma, trata-se da busca por verdades de mundos e sistemas que interagem, corroboram, se constitui e ao mesmo tempo se destroem para dar acesso a novas imaginações, novos realismos, novas identidades. São os métodos de pesquisa que promovem a descrição da realidade estudada, as possíveis representações conclusivas, o funcionamento, sua estrutura, bem como a interpretação dos fatos. Não obstante, o estudo da realidade social não depende apenas da utilização de um método de pesquisa, mas também do estudo no próprio método para aperfeiçoar suas propriedades, seu grau de confiabilidade e a criticidade quanto ao ensino dos seus resultados.

Refletir sobre questões de cunho metodológico importa na produção de novos conhecimentos, na reconfiguração de um novo olhar científico a luz de problemas, hipóteses, variáveis e observações sobre o universo estudado. Se o princípio lógico busca sustentar as inferências tanto no método quantitativo quanto no método qualitativo, o enquadramento do método se dará sempre na dependência do problema elaborado pelo pesquisador. Todavia, faz-se necessário romper com a alienação do senso comum para que a construção do objeto científico se mantenha representado no fato que se deseja estudar e no mundo das estruturas subjetivas que o sociólogo necessita conhecer.



REFERÊNCIAS

BECKER, H. Capítulo 4: **História de Vida e Mosaico Científico**. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1997.

_____. Capítulo 5: **Observação Social e Estudo de Caso**. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 117-134.

_____. **Falando a Sociedade** – Ensaios Sobre as Diferentes Maneiras de Representar o Social. Editora: Zahar. Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Hucitec. São Paulo, 1993.

_____. **Amostragem**. Segredos e Truques da Pesquisa. Zahar, RJ. 2007, pp. 96-114.

BOUDON, Raymond. **Os Métodos em Sociologia**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

Bourdieu, Pierre (1996). “**A ilusão biográfica**”. Trad. Luiz Alberto Monjardim et alii. In: Ferreira, Marieta (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da undação Getúlio Vargas, pp. 183-91.

_____. **Introdução a uma Sociologia Reflexiva**. O Poder Simbólico. RJ, Bertrand Brasil, 1998, pp. 17-58.

_____. O Poder Simbólico. São Paulo: Bertrand/Difel, 1989. BRAUDEL, Fernand. *Ecrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.

DIETRICH, Pascale ; LOISON, Marie ; ROUPNEL, Manuella. **Articular as abordagens quantitativas e qualitativas**. In: PAUGAM, S. *A Pesquisa Sociológica*. Vozes, Petrópolis, 2015, pp. 271-282.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

Elias, Norbert (1994). Mozart: **Sociologia de um gênio**. Trad. Sergio Goes de Paula; rev. tec. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 9-31.

FIRDION, J. M. **Construir uma amostra**. In : PAUGAM, S. *A Pesquisa Sociológica*. Vozes, Petrópolis, 2015, pp. 67-84.

GIDDENS, Anthony. **Novas regras do método sociológico**– Uma crítica positiva das sociologias compreensivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências



Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZALES, R. **O método comparativo e a ciência política.** Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, Vol. 2, Nº 1, Janeiro-Junho (2008).

GOODE, William; HATT, Paul K. **Métodos em Pesquisa Social.** São Paulo: Nacional, 1973.

JOAS, H. **The Intersubjective Constitution of the Body Image.** *HumanStudies*, v.6, p.J 97-204, 1983. GADAMER, H. *Truth and Method.* London, Sheel and Ward, 1975.

LEVI, Giovanni. **L'Eredità immateriale: la carrieradiun exorcista nel Piemonte del Seicento.** Turin: Einaudi, 1985.

LJPHART, Arend. **“Comparative politics and the comparative method.”** *American Political Science Review.* V. 65, 1971, p. 6682 – 6693.



MERTON, R. K. Discussion of "The Position of Sociological Theory". American Sociological Review, v.13, n.2, p.164-8, 1947.

MILL, John Stuart. Sistema de lógica dedutiva e indutiva. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Coleção Os Pensadores).

MILLS, Wright C. Do Artesanato Intelectual. A Imaginação Sociológica. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, pp. 211-244.

PARIZOT, I. A Pesquisa por Questionário. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp. 85-101.

PASSERON, J. C. O que diz uma tabela e o que se diz dela. In: O Raciocínio Sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Trad. Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995.

PINTO, Álvaro V. Ciência e existência. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

PRZEWORSKI, Adam; TEUNE, Henry. Logic of comparative social inquiry. Minnesota: John Wiley & Sons, Inc., 1970.

REVEL, J. Micro História, macro história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. Revista Brasileira de Educação. v. 15 n. 45 set./dez. 2010, pp. 434- 444.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3. ed. 9. Reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

SAFI, M. A dimensão temporal dos fatos sociais: a pesquisa longitudinal. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp.253-269.

SELZ, M. O Raciocínio estatístico em sociologia. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp. 202-217.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.